

Carta a Simões Dias

Por D. C. Sanches de Frias

MEU AMIGO

NO volver dos anos, principalmente quando nas agruras de uma vida, erizada de sobressaltos e pesares, se procura, com a avidez sedenta de uma ténue consolação, um refúgio contra o desalento, ou uma distração dulcificadora - raros são os homens, se nos seus primeiros tempos tiveram um lar e dentro dele uma família, que não olham, com entranhada saudade, para as cenas da sua infância, numa absorção de espírito de fatídicos efeitos, numa evocação de coisas e pessoas, que se lhes vão desenrolando, uma a uma, ou em grupos fascinadores, como em mágico caleidoscópio.

Embora essa saudade tenha a pronunciada acentuação do pesar, com que nos volvemos para as coisas perdidas, dizem todos que é belo sonhar com esse passado de umas simplicidades, cor de rosa, de um pensar ingénuo e bom.

Nem as pequenas desilusões, que sucederam a esses anos de uma dita incomparável, nem o desnorteamento dos sócios de folguedos, umas crianças, que cresceram e se fizeram, más, nem o rarear das frívolas amizades, que se receberam no coração, e de lá fugiram, levando num prurido mais ou menos doloroso uma parte da primitiva sensibilidade - conseguem, no dizer dos experimentados, diminuir o sabor confortativo das recordações de uma meninice desafrentada e bem mantida.

Creio que deve ser assim.

Eu pertenço, por meu mal, ao número dos poucos que não têm saudades desse tempo.

Quando tantas e tão repetidas vezes me tenho sentido descambar pelos declives da via dolorosa, por onde me andam, aos pedaços, forças e crenças, alma e vida, a infância, num lance de olhos retrospectivo, tem-se-me mostrado um cabeço, ouriçado de espinhos, ponto culminante desse caminho escorregadio, abrolhado de precipícios.

- Minha santa mãe!

Conheço eu porventura o agri-doce desta terníssima saudade?

Não. A minha alma de inocente, muito longe ainda dos primeiros alvares da razão, não se abriu, como sacrário augusto, aos beijos da despedida, que a desditosa me insculpia nas faces, ao partir deste mundo de escuribilidades e misérias.

- Meu bom pai!

Este grito afectuoso é ponto que, no alto do cabeça inicial da minha vida, nem sequer chega a ter uma das cores fugitivas de desbotada miragem.

- Meus queridos irmãos!

Nem uma só vez pude soltar esta exclamação, que me parecia sempre engrinaldada de afectos são e duradouros, e que tanto me agradava nos outros.

E não vão por ali julgar a minha sombria orfandade filha aventureira de qualquer ilegitimidade romanesca.

Antes o fosse, que menos pungente me podia ser talvez!

- Meus amigos! meus bons companheiros de infância!

Que era deles? onde paravam? onde iria buscá-los?

A minha ausência prolongada e obscura fora veneno e morte para uns dois ou três, que tantos seriam eles.

Perdão.

Entre os meus papéis de maior valia estimativa, conservo eu uma carta, com os vincos meio gastos de uns bons dezóito anos de exílio, uma benevolente apreciação a uns maus versos, onde ela julgava «palpar a veia febricitante de um génio embrionário, que todo se desdobrava em flores e saudades».

O final era uma afirmação de sisudos protestos de simpatia e amizade, um eco saudoso das terras da pátria.

Escrevera-a um rapaz de idade pouco superior à minha, um talentoso rapaz, que em bem das letras portuguesas se desviou mais tarde dos estudos teológicos, para que fora destinado; firmava-a um nome já então ilustre por um sem número de versos, editados pelo periódico académico de Coimbra - *Prelúdios Literários* - e por outros e por tantos jornais, que lh'os buscavam, e encareciam; o nome do futuro autor das *Peninsulares*, das *Histórias Contemporâneas* e de mais uma boa dúzia de livros de crítica e ensino; o nome do futuro deputado progressista, que

havia de produzir o mais notável dos discursos sobre a instrução secundária, em 1880, conseguindo durante dois dias ter suspensa da sua palavra erudita a câmara inteira do seu país, isto é, oposição e governo.

Porque guardei eu esta carta, numa idade em que é frequente o descuido, através de tão dilatados anos, como que sobrenadando ao naufrágio de tanta coisa inutilizada e perdida?

Por a considerar uma jóia de apreço no pobre erário das minhas recordações de infância?

Sem dúvida, porque ela significava uma lembrança mais ou menos carinhosa para quem tão desprovido de afectos se vira, e por cima de tudo isso um vigoroso estímulo, uma pujante animação para trabalhos de futuro.

Afora isto, nada mais, porque... porque o afastamento era demasiadamente largo, e muito desigual a espera, em que gravitavam o autor da carta e eu.

Cá de baixo e de tão longe, bem o via luzir brilhante e triunfantemente no seu céu de empreendimentos literários, mas nem ousava supor que ele pudesse dar por isso.

E assim se passaram anos sobre anos, até que pude, por um acaso destes, que tão raras vezes me sorriem, pisar terras, que a ambos nos viram nascer.

Forasteiro no meu país, por um impertinente qualificativo, que se atira estolidamente à cara dos pobres diabos, que regressam de uma parte da América do Sul, como título balofo e ridículo, comecei de andar de mala na mão, daqui para acolá, como ave derreada, sem abrigo, sem orientação, sem ninho enfim, porque nem as recordações da meninice me chamavam a sítio certo.

Em todo este tempo, não conseguimos ver-nos, e muito menos falar-nos.

- Sou um homem morto para aqueles que prezei outrora - pensava eu.

Contra esta suposição, protestava apenas o seguinte:

Ao passar por Coimbra, aquela terra fatídica, para onde tanta gente volta olhos saudosos, ao lembrar-se dos descuidosos tempos da sua mocidade, entrara eu na estação telegráfica, a fazer expedir umas palavras.

O empregado, que m'as recebeu, ao ler a assinatura, encarou-me com uma expressão singular na fisionomia, e perguntou:

- Será V. Fulano, chegado há tempos de tal e tal parte?

- Eu mesmo. Mas...

- Ó David - exclamou ele, abrindo-me os braços, visivelmente comovido - pois tu já não conheces o Domingos, o...

- Exactamente como tu me não conhecias... E confundimos alma e sentimentos num mesmo abraço.

Era Domingos de Almeida, um condiscípulo, que me abrigara na última noite, que eu passara em Coimbra, havia tantíssimos anos, e, por uma notável coincidência, amigo por igual do autor da carta, a que me tenho referido.

Conversámos muito do passado, e conheci com bastante aprazimento meu que o homem de hoje não desdizia do boníssimo rapaz de outro tempo.

Haverá dois meses porém que um jornal, o *Distrito de Viseu*, dava à estampa cinco primorosos folhetins sobre um livro meu, a *Mulher*, edição paraense de 1880.

Entre todas as apreciações, que este modesto escrito despertara dentro do país, nos poucos exemplares espalhados nele, e lá fora no lugar, a que pertencia a edição, a do *Distrito de Viseu* tinha incontestavelmente o primeiro posto, não pelas palavras de manifesto favor, que me eram dirigidas, mas pelo enramalhado do estilo e pela largura da forma literária, onde se estabeleciam confrontos, e se faziam, com mão de mestre, escavações eruditas sobre o muito que se tem escrito pelo mundo fora acerca da infância, educação e influência da mulher, através dos tempos.

O valor desses folhetins dá-o sem dúvida o número das transcrições que tiveram, e não a minha palavra, que pode ser alcunhada de suspeita.

Entre as linhas, impulsionadas pela benevolência do homem e não pela análise fria do escritor, encontram-se estas:

«O sr. Sanches de Frias não é um declamador banal, nem um crítico dicaz mal avindo com o sexo fraco; é um escritor moderno, orientado por um belo senso prático, que traz o seu contingente de

experiências e o seu pecúlio de ideias, para a solução do velho problema da educação feminina.

• «Os factos que expõe são copiados do natural, e as reflexões que deduz bebeu-as na lição da vida contemporânea.

«Este carácter prático da obra do sr. Sanches de Frias imprime no espírito de quem lê, lições de proveitoso realismo, e dá ao livro o cunho da actualidade e de verdade, que só se encontra nos trabalhos de propaganda e de moral, como são, relativamente à família, os livros de Alphonse Karr, de Castro e Serrano, de Fenelon, de Michelet, Paradés e de Aimé Martin.

«Sanches de Frias é um escritor português ainda pouco conhecido em Portugal, onde são escassamente lidos os trabalhos literários do Brasil. E contudo este fogo e elegante prosador, educado, e enobrecido na América, donde regressou há poucos anos, é para mim, e por motivos puramente pessoais, duplamente simpático.

«No curto caminho que vai do berço à escola nos encontramos, e porventura sentimos, sob o mesmo sol beirão e quase ao calor do mesmo lar, a influência simultânea da mesma seiva poética, que cedo principiou a filtrar em nossos cérebros infantis e inconscientes, esses maléficis venenos de imaginação, que atrofiaram as forças precisas para os rudes combates da vida.

• «Esta comunidade de princípios e depois a lembrança de que esse pequenino poeta lírico, desprotegido e ignorado, deve hoje, o que é e o que tem - confortos domésticos e glórias de escritor - à perseverança do seu labutar, aos esforços da sua vontade, à tenacidade da sua inteligência, nos ásperos trabalhos comerciais e nas pugnas incruentas do jornalismo, acordam em mim, ao cabo de vinte anos de envolta com um tropel de saudades redivivas, entranhados afectos de veneração por esse indomável combatente, que não fraquejou na luta.

«Lá nesses Brasis, verdadeiro açougue dos colonos portugueses, onde as fortunas se ganham à custa da saúde e da vida, onde a percentagem dos que resistem sobre o número dos que morrem é assustadora, aí lhe sobraram ócios, a ele que era forte e inteligente, para compor versos e escrever artigos jornalísticos, com a mesma pena de que se servia para lançar apontamentos comerciais ou fazer saques sobre Londres.

«A praça do Rio de Janeiro honrava-lhe a firma, a imprensa acreditava-lhe o nome. Duplo galardão, que a minha vaidade de patricio e de condiscípulo regista jubilosa e sincera».

Estas expressões de requintada bondade e as iniciais, que as firmavam, denunciaram-me o autor; na própria comoção, que me produziram, a injustiça, mais ou menos absoluta, das minhas suposições, encontrou castigo severo.

Nem tudo se perdera da minha excepcional e desafortunada infância. Só a recordação de um amigo podia acompanhar, e seguir os precalços de uma luta, que essas expressões põem a descoberto.

Nunca o meu amor próprio se sentiu mais lisonjeado. Filho do trabalho e vivendo sempre só dele e para ele, sem nenhum dos grandes regalos, comuns aos dilectos da sorte, tudo isso tem para mim o inestimável valor de uma grande compensação.

Vale bem o melhor dos diplomas.

Agora, meu amigo, que bem sabe que falo de si e consigo, a quem devo, ausentes, as expressões de maior estímulo, que me foi dado receber, para além do Atlântico; em terras da pátria, a principal e mais retumbante de todas as saudações; e agora uma suave recordação da minha infância - permita-me que eu coloque, como pedra tosca e rude, nos umbrais do edifício, que precisamos reconstruir, da amizade, que julgávamos perdida, este livro, oferecendo-lho.

É um escrito, sem as pretensões, que a moderna ciência dos exploradores podia atribuir ao seu título.

Nem sequer se funda em apontamentos tomados à vista. Quando me pediram, e comecei a escrever umas linhas, destinadas a acompanhar a gravura de um jornal ilustrado, bem longe estava eu de pensar num livro, e de o levar a cabo, aos poucos, dentro de umas três semanas.

Se no quadro, apenas esboçado, onde a verdade supre a perfeição, houver alguma coisa de curioso para o europeu, é isso unicamente devido a simples reminiscências de uma memória muito fraca e muito gasta.

A admiração, que me inspira o seu talento, e a veneração, que tenho pelo seu nome, pediam coisa de maior e melhor importância.

Não me sofreu a paciência delongas, muito para escusar, desde

que me convenci de que não chegaria nunca a fazer bom cabedal de numerário para o pagamento da dívida, em que me confesso empenhado.

Por falar nisto, e ao lembrar-me do assunto desta carta, que a ninguém interessa, e só vai aqui porque este livro a despertou, ocorre-me à ideia uma coisa.

Dizem que há por aí uma chancelaria especial de fazer reputações, um cadinho de moeda barata para a aquisição de um nome qualquer, uma escola enfim de elogio mútuo.

Não vão pensar pois, quanto a mim, bem entendido, que...

Eu tenho umas simplicidades, que já agora estão destinadas a morrer comigo.

Confesso que não sei o que isso vem a ser.

Aos que não estiverem cientes do meu absoluto afastamento de relações literárias, simplesmente por me considerar mero amador das letras, responderei que, ao passarmos um pelo outro, o meu amigo e eu, com certeza nos não conheceremos.

Esta circunstância que em breve, creio, deixará de pesar-nos, é bom cautério para escrúpulos.

Lisboa, 18 de Junho de 1883.

(Carta-dedicatória do romance Uma viagem ao Amazonas, da autoria de D. C. Sanches de Frias)